



Conversação em Libras: extensão como possibilidade de ampliação dos horizontes da língua de sinais na universidade

Ana Luiza Paganelli Caldas; Julliana de Oliveira Pokorski
Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FAGED/UFRGS
E-mail: juliana.pokorski@gmail.com

Resumo

O presente artigo propõe reflexões acerca das experiências com o projeto de extensão “Conversação em Libras”, que, no ano de 2024, produziu a sua terceira edição. O projeto surge do desejo de dar continuidade ao aprendizado dos/as estudantes na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e se desenvolve a partir de visitas a diversos espaços, dentro e fora da universidade, seguidas de rodas de conversa sinalizadas, que possibilitam o desenvolvimento da fluência linguística a partir do desafio de se comunicar sobre os mais diferentes temas. No presente artigo, para além do objetivo de apresentar o projeto, busca-se promover reflexões sobre a presença surda na universidade, abrindo espaços para a circulação da Libras na instituição e para além dela. Como reflexão central, discutimos a importância de os e das estudantes e servidores e servidoras conhecerem a universidade e seu entorno, e, na mesma medida, que esses espaços tomem conhecimento da existência surda na UFRGS.

Palavras-chave: língua brasileira de sinais (Libras); surdos na universidade; conversação em Libras.

Resumen

El presente artículo propone reflexiones acerca de las experiencias con el proyecto de extensión "Conversación en Libras", que en el año 2024 llevó a cabo su tercera edición. El proyecto surge del deseo de dar continuidad al aprendizaje de los/las estudiantes en la Lengua Brasileña de Señas (Libras) y se desarrolló a partir de visitas a diversos espacios, dentro y fuera de la universidad, seguidas de círculos de conversación en señas que posibilitan el desarrollo de la fluidez lingüística, a partir del desafío de comunicarse sobre los más diversos temas. En este artículo, más allá del objetivo de presentar el proyecto, se busca promover reflexiones sobre la presencia sorda en la universidad, abriendo espacios para la circulación de la Libras en la institución y más allá de ella. Como reflexión central, discutimos la importancia de que los/las estudiantes y servidores/as conozcan la universidad y su entorno, y, en igual medida, que estos espacios reconozcan la existencia sorda en la UFRGS.

Palabras clave: lengua brasileña de señas (Libras); sordos en la universidad; conversación en Libras.

No ano de 2005 foi publicado o Decreto 5626 que regulamentou a Lei 10.436/2002, conhecida como a Lei de Libras. Dentre as ações previstas pelo decreto, estava a inclusão da disciplina de Língua Brasileira de Sinais (Libras) nos currículos dos cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia de todas as instituições de Ensino Superior brasileiras. Na UFRGS, a disciplina de Libras começou a ser ministrada a partir do ano de 2008, vinculada ao Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFRGS (DEE FAGED). Em 2011 tivemos a primeira docente surda ingressando como docente efetiva da universidade, e com ela adentrou na universidade de maneira mais marcante a Libras, língua que constitui o território surdo, seja lá onde esses sujeitos estiverem. Desde então diversos projetos de extensão têm sido desenvolvidos pelos docentes surdos na universidade, e professores ouvintes vinculados à área de Libras e Educação Especial, o que tem produzido uma maior circulação da língua de sinais na universidade, e aproximação entre a comunidade surda e a academia. Alguns exemplos de atividades de extensão¹ desenvolvidas ao longo dos últimos anos são o projeto Brincar Sinalizante, que aproxima escola de surdos e Faculdade de Educação em torno de brincadeiras desenvolvidas em língua de sinais; o evento anual Setembro Surdo, que celebra e discute temáticas relevantes para

a comunidade surda e também a ação Conversação em Libras, sobre o qual produzimos o presente texto.

Na UFRGS, a disciplina de Libras (EDU03071) é oferecida a todos os cursos de graduação da universidade, embora seja obrigatória apenas para os cursos de licenciatura e fonoaudiologia. Todos os semestres são oferecidas cerca de 35 turmas da disciplina a qual possui apenas 2 créditos, o que possibilita o desenvolvimento de uma comunicação básica na língua e o aprendizado de aspectos mais gerais da cultura e educação de surdos, bem como questões panorâmicas a respeito das características das línguas de sinais.

Com carga horária tão restrita é comum que os e as estudantes interessados em seguir ampliando os aprendizados em Libras demandem formas de seguir em contato com a língua, seja através da matrícula na disciplina eletiva de Libras 2 ou na participação de atividades de extensão, como a que apresentamos neste artigo.

Conversação em Libras: reflexões sobre as potencialidades da extensão

A primeira edição do projeto aconteceu em 2022, respondendo a uma demanda acentuada dos e das estudantes que haviam tido diversos semestres da disciplina de Libras sem contato presencial com a língua, por conta da adoção do Ensino Remoto

1. <https://www.ufrgs.br/libras/projeto-de-extensao/>

Emergencial², iniciado no período letivo de 2020/1, como medida protetiva da universidade à pandemia de Coronavírus.

O projeto teve por objetivo “Reconhecer, relembrar e criar um espaço para ampliação e frequente contato com a Língua Brasileira de Sinais, de maneira dinâmica, lúdica e diversa.” O início de execução da ação, no entanto, foi complexo, uma vez que a proposta era uma imersão direta na Libras, envolvendo estudantes de diferentes cursos, com distintos interesses e níveis de aprendizado. Diferentemente das aulas, no entanto, nos encontros quinzenais do projeto não havia erros e acertos, mas, sim, momentos abertos de roda de conversa, estimulados por passeios dentro e fora da universidade, o que possibilitou a construção de um espaço mais livre e leve de aprendizado.

Este formato mais isento de obrigações foi destacado como potente pelos participantes da ação, que relataram se sentir menos cobrados, mas não menos engajados no aprendizado, o que possibilitou pensar sobre as práticas docentes no ensino de línguas, que não precisam necessariamente de uma estrutura tão rígida para serem efetivas.

Em relação à assimilação do conteúdo, tive muita dificuldade. Na hora lembro, mas em casa esqueço. O aprendizado através da conversação, porém, foi muito bom, tranquilo, sem pressão. As saídas foram produtivas, culturais, adquiri conhecimento que não tive acesso pois a vida correndo nem sempre se consegue o tempo para explorar lugares. A professora é ótima, tem uma forma muito suave de transmitir conhecimento. (Avaliação de participante ao finalizar o projeto).

Nas três edições do projeto, o desenvolvimento foi semelhante: encontros alternados de passeios e rodas de conversa e atividades em sala de aula, nas quais se discutia o vivido nos passeios e visitas culturais, ampliando, de maneira não linear, o léxico sinalizado. Os momentos de “passeio” consistiam em visitas a espaços culturais da região central de Porto Alegre e da própria universidade, nos quais os e as participantes eram desafiados a estabelecer comunicação com a professora surda e, por vezes, inclusive, buscar estratégias para tornar acessível as informações presentes nas exposições, construídas sem a preocupação de atender o público surdo.

As visitas apresentaram diversas potencialidades: a diversidade de temáticas, a possibilidade de descrever, perguntar, comentar e explicar a história ou os significados de artefatos expostos em ambientes culturais; a oportunidade de criar uma consciência, tanto nos e nas participantes da extensão, quanto nos ambientes, desafios e direitos das pessoas surdas em acessar a cultura de maneira mais ampla em condições de igualdade.



Figura 1 - Estudante Ângela interpretando a mediação para a professora Ana Luiza.

Fonte: Autores.

2. O Ensino Remoto Emergencial foi regulamentado na universidade pela Resolução CEPE 025/2020. Informações disponíveis em <https://www.ufrgs.br/prograd/ere-ensino-remoto-emergencial/> acesso em 30 de dezembro de 2024.

Na figura 1 observa-se o grupo de participantes em visita à Assembleia Legislativa, espaço que possui guia para a visitação, mas somente na língua portuguesa. Nesta ocasião, as estudantes buscaram estratégias interpretativas para tornar a visita acessível para a professora, coordenadora da ação de extensão. Esta experiência também foi potente no sentido de apresentar aos participantes a diferença entre a comunicação em Libras e a interpretação simultânea, que exige recursos mais complexos, tanto mentais, quanto linguísticos.



Figura 2 - Museu de Porto Alegre, visitação com guia bilíngue.

Fonte: Autores.

Em apenas um dos espaços visitados havia intérprete de Libras do local disponível para interpretação na mediação cultural, o que provocou reflexões das participantes a respeito das possibilidades de acesso da comunidade à cultura de maneira mais ampla. Na mesma medida em que iam se apropriando dos espaços, reconhecendo neles possibilidade de aprendizado sobre culturas, tradições e sobre o passado que embasa o presente e o futuro, as estudantes iam se questionando o quanto esses espaços, e os conhecimentos por eles resguardados, poderiam ser acessados pela comunidade surda.

Como tenho pouca experiência com Libras, achei difícil acompanhar as conversas na sala de aula. Acho que um bom jeito de incluir seria fazer jogos. Gostei dos passeios que fui, mas queria ver mais passeios com uma intérprete trabalhando lá no local, acho que seria legal descobrir quais lugares oferecem esse serviço.

Outro destaque feito por vários participantes da atividade de extensão foi a possibilidade de conhecer Porto Alegre e a universidade, que, embora gratuitos, não fazem parte da cultura de

grande parte da população que não se apropria desses espaços, em sua maioria públicos, como seus. Alguns estudantes relataram que, ainda que morassem em Porto Alegre, nunca encontraram tempo para visitar museus ou centros culturais, o que nos faz refletir sobre o papel da extensão como janela que amplia a universidade, levando as discussões produzidas na sala de aula para além dela, e trazendo

esses espaços para dentro da sala de aula.

Gostei muito da extensão “conversação em Libras”, aprendi muito e tive bons momentos de convivência, aprendendo sobre Porto Alegre, seus lugares não vistos por nós moradores, além de ter mais prática em Libras e novos sinais (vocabulário). Acho que a proposta de ser todas as sextas-feiras, vai ser mais proveitosa e uma boa experiência linguística. Acredito que aprendi muito e minha comunicação melhorou demais. Quero mais vezes, continuar. (Avaliação escrita por uma das participantes do projeto)

Ferrugem (2015) discute em seu trabalho de conclusão que na contemporaneidade diversas iniciativas têm sido produzidas no sentido de

aproximar as comunidades da cultura material, a partir de práticas que estimulam a percepção e o pertencimento. Em uma prática que se aproxima das iniciativas discutidas pela autora, na primeira edição da ação de extensão aqui apresentada foram visitados o Museu de Porto Alegre, o Museu Julio de Castilhos, o Museu da Assembleia Legislativa, a Casa do Solar e a Casa da Cultura do Mário Quintana, todos espaços abertos à visitação gratuita e muito pouco conhecidos por todos os participantes do projeto. Um primeiro passo foi o aprendizado dos sinais dos lugares e, a partir disso, se desenvolveram as visitas e posteriores conversas sobre elas. Quando questionados sobre as atividades desenvolvidas nos museus, os participantes da atividade de extensão destacaram o valor desse espaço em guardar memórias, servir de fonte de pesquisa, e resguardar a história, os artefatos culturais e com isso possibilitar a reflexão sobre o presente.

Nesse sentido nos aproximamos do que é discutido por Ferrugem (2015, p. 20) ao pensar os processos educativos com o patrimônio, tal como no caso de instituições culturais e museais, ao evidenciar que “o conceito de educação se concretiza nas relações sociais, sob os mais diferentes espaços, e nos cenários culturais torna-se alicerce de práticas de sociabilização e aprendizagem por compartilhamento de vivências e experiências.”

A riqueza dos encontros de visitação, no projeto de Conversação em Libras, qualificou os momentos seguintes de rodas de conversa, nos quais todos eram convidados a relatar as experiências vividas e os aprendizados obtidos. Nesses momentos, muitas vezes os participantes se sentiram provocados a buscar estratégias comunicativas, o que ampliou os seus vocabulários sinalizados, uma vez que a cada encontro novas temáticas foram abordadas.

Para além das simples rodas de conversa, nesses encontros na sala de aula realizam-se jogos para fixação do vocabulário, leituras e discussões de

textos relacionados às visitas realizadas, dramatização de cenas e dinâmicas lúdicas que levavam os participantes a refletir sobre a estrutura linguística, fonológica e sintática da Libras. Em um exercício de retroalimentação, os encontros de sala de aula qualificam as visitas e vice-versa, uma vez que um subsidia o outro ao fornecer temáticas e qualificar a possibilidade de dizer sobre elas em língua de sinais. Neste ponto a ação de extensão possibilitou pensar sobre a prática pedagógica nas disciplinas de Libras e, também, em qualquer curso de ensino de línguas que se potencializa ao desenvolver a conversação a partir de experiências que estimulem o interesse pela comunicação e expressão.

Por fim, os relatos das estudantes indicaram que o objetivo de dar continuidade aos aprendizados da Libras, para além do formalmente estudado na disciplina curricular, foi alcançado. Até mesmo estudantes do curso do Bacharelado em Letras, Tradução e Interpretação de Libras, indicaram ter se sentido mais confiantes nas aulas do curso.

Gostei muito da extensão. Recebi o feedback da professora Carolina, do curso de Letras Libras. Ela disse que eu melhorei muito a minha sinalização o que me deixou muito feliz. Gostei muito também dos passeios nos museus. Realmente abrimos a nossa mente para conhecer outros sinais fora da sala de aula. Infelizmente faltei muitas faltas por causa das atividades do curso Letras Libras, mas senti a minha evolução. Agradeço muito pelo caminho e paciência de nos ensinar.

Conversação em Libras na UFRGS: produzindo espaços surdos na universidade

Na segunda edição da ação de extensão optou-se por restringir as visitas apenas aos espaços culturais da universidade, com o objetivo de dar a conhecer a UFRGS a seus estudantes. Assim como na primeira edição havia se constatado que grande parte das participantes desconhecia os espaços culturais da cidade em que viviam; o mesmo aconteceu com os museus e centros de

visitação da instituição a qual os estudantes se vinculam.

Um primeiro movimento na construção desta segunda edição da ação de extensão foi elencar os espaços conhecidos pela coordenadora do curso e ir em busca de informações sobre demais locais abertos à visitação na universidade. Ao longo desta etapa encontramos o site³ da Rede de Museus e Acervos UFRGS (Remam) que lista museus, acervos, coleções e memoriais organizados pela universidade e disponibilizados ao grande público. A primeira vista nos chamou atenção a variedade de espaços, no entanto nem todos os contatos estavam atualizados ou retornaram aos e-mails, ainda assim, a Remam se mostrou uma interessante iniciativa para centralizar informações a respeito da universidade, o que se faz útil, tanto para servidores e técnicos, como para a sociedade de maneira mais ampla, que se beneficia com aquilo que a UFRGS produz e organiza.

Os primeiros locais da universidade escolhidos para visitação foram o Museu da UFRGS e o Centro Cultural, ambos localizados no campus central. No Centro Cultural nos deparamos com os pratos de porcelana da exposição “Palavrar”⁴ da artista visual Elida Tessler, que ilustram verbos nas paredes do centro. O contato com tantos termos possibilitou desafiar os participantes da visitação a tentarem relembrar sinais ou explicar os termos para os quais não conheciam equivalentes em Libras. A atividade possibilitou a reflexão de que as línguas não se estruturam como um compilado de termos, mas se produzem na construção de sentidos, que nem sempre encontram linearidade termo a termo de uma língua para outra, o que não deve, no entanto, impedir a comunicação. Essa reflexão foi potente aos participantes para que buscassem

outras estratégias comunicacionais, expressões faciais e corporais e se atentassem muito mais aos sentidos que desejavam expressar.

Neste ponto damos destaque à importância da presença surda na universidade. O fato do projeto ser executado por uma docente surda imprime nele algumas características específicas: um destaque é o de que os participantes da ação de extensão se sentiam no compromisso de buscar estratégias de comunicação independentes da língua portuguesa, respeitando a língua primeira da professora e a proposta do projeto, de conversar em Libras. Outro ponto relevante foi o de apresentar para a universidade a existência de docentes surdos, os quais já se fazem presentes na instituição há quase 20 anos, mas nem sempre são reconhecidos por seus pares.

Flaviane Reis, em sua tese intitulada “A docência na Educação Superior: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos” (Reis, 2015) apresenta um amplo levantamento a respeito da presença surda na docência no Ensino Superior. Segundo a autora, em 1997 tivemos o registro do primeiro professor surdo atuando em uma universidade pública brasileira, na UFRJ, e em 2015, ano em que a pesquisa da autora foi publicada, atingiu-se um total de 174 docentes, número que possivelmente se ampliou bastante até os dias atuais. Segundo a mesma autora esse movimento fortaleceu a comunidade surda, no entanto trouxe desafios a esses profissionais, que nem sempre encontram pares com quem desenvolver suas ações na academia, e precisam frequentemente abrir espaços para fazer valer a sua intelectualidade que se baseia no uso da Língua Brasileira de Sinais, que só se faz presente na universidade a partir de atos de resistência da comunidade surda.

Em nosso projeto de extensão, não foram raras as visitas em que se percebia um olhar de estranhamento de quem nos recepcionava ao se afirmar que aquele era um projeto de extensão

3. <https://www.ufrgs.br/remam/> acesso em 31 de janeiro de 2025.

4. Mais informações em <https://www.ufrgs.br/cultura/events/exposicao-palavrar-de-elida-tessler/> disponível em 31 de janeiro de 2025.

de conversação em Libras, e que a professora que o desenvolvia era surda. Nos parece que ainda hoje há um grande desconhecimento a respeito dos direitos linguísticos das pessoas surdas, da complexidade dos processos de tradução e interpretação que precisam ser desenvolvidos por profissionais capacitados para que se tenha uma maior garantia de qualidade de seus resultados.

Na UFRGS, entre Instituto de Letras, Faculdade de Educação e Campus Litoral temos um total de 11 docentes surdos, o que é um número pequeno diante do total de 5307 servidores⁵ da UFRGS. No entanto, julgamos que mesmo sendo um número ainda reduzido, é importante que a universidade tenha consciência da diversidade nela presente, de maneira a valorizar esta pluralidade e o que ela produz. É relevante que mais projetos sejam desenvolvidos para divulgação da Libras entre os servidores, pois a comunicação com os e as docentes surdos/as não pode se reduzir a um mero “oi” no corredor. É preciso haver nesse sentido, não somente um movimento da área de Libras em produzir projetos e formações, mas, também, de outras áreas e setores compreenderem a importância dessa aproximação. Um ponto que destacamos, também, é a necessidade de ampliação do número de servidores técnicos tradutores e intérpretes de Libras na instituição, pois somente com a sua presença é possível aos docentes surdos uma plena participação no ensino, pesquisa, extensão e atividades administrativas da universidade.

Ainda nesse sentido, destaca-se que até mesmo na Faculdade de Educação, unidade com maior número de servidores e discentes surdos da universidade, não tem-se promovido projetos que integrem surdos e ouvintes para além dos desenvolvidos na área de Libras. Compreende-se que muito poderíamos crescer se articularmos

as diferentes áreas, para pensar a escola, as práticas didáticas ou tantas outras possibilidades. É necessário fortalecer movimentos tanto dos próprios docentes surdos, como de seus colegas ouvintes, em estabelecer parcerias em atividades de pesquisa, extensão e até mesmo ensino, que neste caso precisarão ter a presença mínima de duas línguas: o português e a Libras.

No caso da atividade de extensão sobre a qual o presente artigo discorre, foi possível em um dos encontros contar com a equipe de intérpretes do Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da universidade (Incluir UFRGS). Nesta ocasião foi possível aos estudantes, muitos deles do curso de Bacharelado em Letras Libras, observarem profissionais em prática interpretativa, aprenderem sobre o uso de classificadores, expressões faciais e corporais e observarem a diferença entre uma interpretação profissional e uma interpretação amadora, como a que estavam fazendo até então. Foi interessante que algumas participantes relataram que se interessaram pelo projeto por verem nele uma oportunidade de exercitar a interpretação português-Libras e vice versa, no entanto, ao tentarem desenvolver essa atuação perceberam que não era tão simples assim se fazerem compreender, indicando que esta é uma prática que exige dedicação, estudo e trabalho em conjunto.

Ao ter aproximação com as intérpretes profissionais do Incluir, esse contato qualificado com a língua de sinais viabilizou refletir sobre as possibilidades produtivas desta língua para além da comunicação cotidiana, e compreender a necessidade de formação específica para prática interpretativa, o que valoriza a atuação dos e das profissionais da área.

Além disso, ao se efetuar uma situação adequada de acessibilidade, se produziu uma experiência que serve de modelo a ser reivindicado pelos e pelas estudantes que podem se tornar aliados na luta por direitos da comunidade surda.

5. Dado disponível no Painel de Dados da UFRGS <https://www.ufrgs.br/paineldedados/gestao-de-pessoas/> Acesso em 31 de janeiro de 2025.



Figura 3 - Intérpretes do INCLUIR tornando acessível a visita ao observatório da UFRGS.

Fonte: Autores.



Nesta segunda edição do projeto de conversação em Libras, ao se optar por promover a visitação a espaços dentro da universidade, se ampliou os temas geradores das conversas que envolveram física, matemática, astronomia, economia, etc. Além disso, se promoveu um sentimento de pertencimento e apropriação por parte das estudantes da UFRGS da instituição de maneira mais ampla.

Foram diversos os relatos das estudantes entusiasmadas em conhecer um pouco mais a história da universidade ao visitar o prédio da Faculdade de Engenharia, algumas destacaram, ao observar as fotos dos ex-alunos,

o quanto a instituição era prioritariamente masculina até relativamente pouco tempo.

Um último destaque foi dado ao aparente entusiasmo da guia/monitora que apresentou a Escola de Engenharia às participantes do projeto, e as estratégias necessárias para transmitir esse entusiasmo através da interpretação do português para a Libras. Ademais, para além do orgulho pela própria universidade, ficou evidenciado o quanto a UFRGS foi se constituindo e até hoje se desenvolve atendendo às demandas da sociedade mais ampla, o que também se exemplifica por projetos de extensão como o aqui apresentado.

Conclusão: extensão como processo coletivo, continuamente em produção

Encerramos o presente texto com diversas reflexões. Compreendemos inicialmente que a extensão se configura como um importante espaço de potencialização da presença da Libras na universidade e na sociedade de maneira mais ampla. Por meio da extensão é possível qualificar o ensino, refletir sobre a sociedade e possibilitar que as UFRGS se amplie para além dos muros institucionais.

Ao longo da execução das edições da ação de extensão foram feitas diversas adequações a partir da demanda dos e das participantes. Inicialmente os encontros duravam três horas e eram quinzenais, passaram, então, a serem semanais e terem duração de cerca de uma hora e meia, de maneira a possibilitar o contato mais frequente com a Libras, sem que se precisasse dedicar atenção a esta língua visual por um período muito longo do encontro. Percebeu-se que os encontros foram sendo moldados a cada etapa do projeto, em uma relação dialógica e horizontal entre estudantes e professora, o que foi visto como mais uma qualidade da atividade de extensão que deveria ser replicada em um contexto de sala de aula.

A liberdade exercida na prática deste formato de ambiente de aprendizagem, embora potente, também foi desafiante, uma vez que não havia um grupo fixo de participantes todas as semanas, o que implicava em adaptar o

planejamento a cada encontro.

Na edição de 2024 da ação de extensão, sobretudo após o período das enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul, houve uma redução acentuada do número de participantes, neste momento cogitou-se pensar em trocar o dia agendado para os encontros, mas enfim se percebeu que independente do número de participantes, sementes haviam sido plantadas, de respeito à Libras, e também das possibilidades de estreitamento de vínculos entre docentes e discentes e da possibilidade de termos a presença da língua de sinais em diferentes espaços e contextos.

Como reflexão final destacamos a necessidade dos e das estudantes e servidores conhecerem a UFRGS e também os diferentes espaços culturais da cidade de Porto Alegre, e na mesma medida que esses espaços tomem conhecimento da existência surda na UFRGS, bem como da Libras, língua que constitui o território surdo, seja lá onde esses sujeitos estiverem. Além disso, destacamos a potencialidade das parcerias entre diferentes campos de conhecimento e também entre surdos e ouvintes, tal como o estabelecido na escrita deste artigo, que se produziu a partir de discussões sinalizadas registradas em português. ◀

Referências Bibliográficas

REIS, Flaviane. *A docência na educação superior: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

FERRUGEM, Isabel Cristina F. *Educação, patrimônio e ludicidade: a experiência educativa do Setor de Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (SPH/UFRGS)*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.